



SUMÁRIO

<i>O porquê deste livro</i>	7
CAPÍTULO UM	
<i>Saia, saia, de onde quer que você esteja</i>	17
CAPÍTULO DOIS	
<i>O hipócrita</i>	37
CAPÍTULO TRÊS	
<i>De quem você é filho?</i>	55
CAPÍTULO QUATRO	
<i>Filhos de Aba</i>	69
CAPÍTULO CINCO	
<i>Mais santos que Deus</i>	93
CAPÍTULO SEIS	
<i>Ressurreição</i>	117
CAPÍTULO SETE	
<i>Desejo santo</i>	143
CAPÍTULO OITO	
<i>Determinação</i>	163
<i>Bibliografia</i>	183
<i>Sobre os autores</i>	187



O PORQUÊ DESTE LIVRO

*... não ser outra pessoa a não ser você mesmo,
num mundo que, dia e noite, faz todo o possível
para que você seja outro, significa travar ininterruptamente
a mais árdua batalha que um ser humano pode travar.*

E. E. CUMMINGS

UMA PALAVRA DE BRENNAN MANNING

Em 1994, publiquei um livro chamado *O impostor que vive em mim*, e um dos capítulos se chamava “O impostor”. Foi esse capítulo que recebeu mais atenção do público, mais que todos os outros juntos. Para um grande número de leitores, “O impostor” é a essência de todo o livro. Isso não me surpreende.

O impostor continua mostrando o rosto em minha vida e sempre se utiliza de disfarces novos e sinistros. Astuto personagem do meu verdadeiro eu, ele me prepara emboscadas dia após dia. Nesses últimos tempos, tem se aproveitado de meus “momentos de senilidade”, impedindo que eu me lembre se hoje de manhã tomei meu antidepressivo e minhas vitaminas.

Esse hipócrita maquiavélico se aproveita da minha amnésia temporária para me fazer esquecer de que devo à graça tudo o que sou. Tudo. Até a graça para entender a graça é graça. Em vez de ficar boquiaberto diante da extravagância do amor de Deus, há muitos dias em que simplesmente espero por ele. Em vez de uma gratidão sincera pela generosidade das dádivas que

Deus derrama sobre mim sem restrições e sem que eu as mereça, muitas vezes sou dominado por um sentimento arrogante de satisfação diante do que consigo fazer e por uma falsa segurança de superioridade espiritual.

O impostor é complicado, traiçoeiro e sedutor. Ao mesmo tempo que me tenta com um sentimento de auto-satisfação, ele também abala os fundamentos do meu eu mais autêntico, minha identidade de filho amado de *Aba*. (*Aba* é uma palavra aramaica que denota certa intimidade e se traduz por *pai*; grosso modo, equivale à expressão *papai*. Jesus chocou os líderes religiosos do primeiro século ao dirigir-se ao Criador como *papai* — *Aba*. Depois falaremos mais sobre isso.) O impostor tenta me convencer de que, não importa o que Deus diga, *filho de Aba* é uma falsa identidade, totalmente fora do meu alcance. O impostor quer me fazer acreditar que minha única esperança está em forjar meu verdadeiro eu e, a exemplo do que diz e. e. cummings, transformar-me em “outra pessoa”.

Se não fosse comigo, eu diria que se trata de uma luta fascinante. Nos últimos anos, minha maior dificuldade tem sido levar o impostor — o hipócrita — à presença de Jesus, em vez de ficar tentando discipliná-lo por conta própria. Mas trata-se de mim, e não há nada de fascinante nisso. Quero fazer o hipócrita se render. Quero vencer essa guerra comigo. Ledo engano. Em vez de submeter a Cristo o meu eu centrado em si mesmo, tento espancá-lo até à morte. Daí eu me desanimo e concluo que minha suposta vida espiritual não passa de ilusão e fantasia.

Esse comportamento é meu velho conhecido. Aos 23 anos de idade, eu era noviço da Ordem Franciscana em Washington, D.C., nos Estados Unidos. A ordem costumava pôr em prática uma antiga disciplina espiritual nas noites de sexta-feira durante a Quaresma. Um sacerdote ficava em pé, junto ao vão da escadaria no primeiro andar, e lentamente recitava em voz alta o salmo 51 em latim: *Misere me, Domine, secundum misericordiam, tuam...* enquanto nós entrávamos em nossos minúsculos aposentos no

segundo andar, cada um com seu instrumento de tortura de uns trinta centímetros: um pedaço de fio de telefone espiralado com nó na extremidade. Seguindo aquela antiga tradição, enquanto durasse o salmo, golpeávamos as costas e o quadril para extinguir as chamas da sensualidade. Na primeira sexta-feira à noite, apliquei os golpes com tanta determinação, que fiquei com bolhas de sangue pelas costas.

No outro dia, no lugar onde tomávamos banho, um sacerdote olhou para o meu corpo marcado e relatou o que viu ao chefe dos noviços, que me repreendeu por ter ido longe demais. De fato, eu havia exagerado. Eu estava tentando a todo custo ser agradável aos olhos de Deus.

O mesmo não acontecia com o irmão Dismas, que morava no aposento ao lado do meu. Eu o ouvia enquanto ele se chicoteava com tanta violência, que cheguei a temer por sua saúde e sanidade mental — mas era tanta violência, que me arrisquei a espiar através da porta rachada. Ele estava ali sentado com um sorriso nos lábios e um cigarro na mão esquerda. Era na parede que ele estava batendo, não no próprio corpo. Sabe qual foi minha reação? Tive compaixão daquela pobre alma e voltei para o meu aposento com uma insuportável sensação de superioridade espiritual.

Não recomendo muito o método dele nem o meu.



Escrever *O impostor que vive em mim* foi uma intensa experiência espiritual para mim. Ouvi dizer que sua leitura tem sido uma profunda experiência para pessoas de todo o mundo. *O impostor que vive em mim* tem sido traduzido para línguas que eu não falo, porque, pelo que parece, pessoas de outras culturas — espanhola, francesa, alemã — podem entender a mensagem se ela estiver em sua língua-mãe. Fico empolgado quando vejo como consigo transmitir verdades que atravessam barreiras culturais.

Chegou a hora de contemplar um dialeto que não falo, pelo menos não falo bem. É a língua da cultura pop, o dialeto dos jovens. Por isso, Jim Hancock, veterano líder de jovens, e eu estamos traduzindo *O impostor que vive em mim* para leitores das gerações emergentes. Essa tradução se chama *Falsos, metidos e impostores*.

Oro para que este novo livro chegue a lugares aonde não posso ir e alcance pessoas cujo coração eu conheço, embora não falemos exatamente a mesma língua.

Faço minhas as palavras de Larry Hein, diretor espiritual hoje aposentado, que escreveu esta bênção:

Que todas as suas expectativas se frustrem, todos os seus planos fracassem, todos os seus desejos dêem em nada, para que você experimente a fragilidade e a humildade de uma criança e cante e dance no amor de Deus, que é Pai, Filho e Espírito. E hoje, no planeta Terra, que você possa experimentar a maravilha e a beleza de si mesmo como filho de Aba e como templo do Espírito Santo, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

BRENNAN MANNING

UMA PALAVRA DE JIM HANCOCK

Brennan e eu chegamos a este livro por caminhos diferentes. Sou presbiteriano e, há muito tempo, líder de jovens, nascido na família de um pregador da convenção batista do sul dos Estados Unidos, um fundamentalista em recuperação.

A primeira vez que recorri ao impostor foi quando eu estava levando uma vida dissimulada durante o ensino médio. Eu queria me sentir aceito. Tinha medo de ser rejeitado. O impostor me ajudou a parecer melhor do que eu era (ou pior, se pior fosse melhor). Ele me ajudou a ocultar a verdade das pessoas que, pensava eu, podiam me julgar de forma tão sumária como eu costumava me julgar. E continuei a ouvir os seus conselhos, pois a grande maioria deles funcionava.

O impostor é o *homem das mil faces*. Ele me ensinou a inventar máscaras para quaisquer ocasiões, usando o que estivesse à minha volta. Com os meus amigos que gostavam de música, eu tinha as mesmas preferências musicais. Com os meus amigos esportistas eu era introspectivo e falava pouco. Quando estava com crianças muito inteligentes, eu dava um jeito e as ludibriava com conversas superficiais ou inventava coisas (espere aí... acho que ainda faço isso!). Com a ajuda do impostor, consegui me sair bem no ensino médio, mas foi uma tarefa difícil e exaustiva. Eu ia à igreja (face espiritual), passava tempo com os amigos (face do cara sabido), saía um pouco (face sincera). Tantos disfarces, tão pouca diversão de verdade, desempenhando todos aqueles papéis sem saber quem *eu era*. Ou se, no final das contas, eu era alguém.

Eu era uma busca impossível, procurando minha identidade na vida de outras pessoas. E admirava muito algumas delas, pois, como diz o meu amigo Michael Yaconelli, eu julgava o que sei sobre mim a partir do que não sabia sobre elas. Eu sentia medo de algumas daquelas pessoas, pois eram influentes e num piscar de olhos podiam significar o céu ou o inferno para a posição social de alguém. E havia também algumas poucas pessoas que me fascinavam, pois, baseado no que eu conseguia enxergar, elas não davam a mínima para o que os outros pensavam delas — não ligavam nem mesmo se as pessoas não pensassem nada.

Representei papéis para todas elas. Eu não sabia mais o que fazer.

Se eu soubesse o que sei agora, teria relaxado, teria tratado a mim mesmo com mais condescendência, teria parado de tentar melhorar a realidade.



Eu estava num acampamento de verão quando me dei conta de que poderia não ter o que era necessário para ser feliz, muito

menos para ser bom. Pelo que me constava, meu segundo ano naquela escola havia sido o melhor possível, mas eu havia detestado tudo aquilo. Olhei com total sobriedade para o melhor ano da minha vida e disse em voz alta: *estraguei tudo o que procurei fazer*. Eu estava cansado de sentir medo. Estava cansado de ficar sozinho. Estava cansado de ser uma farsa.

Então, pela primeira vez na vida, entreguei os pontos. Dobrei-me diante da esperança de que Deus poderia fazer por mim tudo o que eu não conseguia fazer por conta própria. Eu era o filho pródigo que voltava para casa para pedir ao pai algum trabalho na sua propriedade. Eu era o Pinóquio que voltava para casa — havendo me comportado de maneira ridícula, meu nariz estava com um quilômetro de comprimento por causa de tantas mentiras — e agora tinha esperança de que Gepeto poderia (e iria) me transformar num garoto de carne e osso.

E quer saber da verdade? Deus fez o que eu não consegui fazer. Meu último ano no ensino médio foi uma mistura de sentimentos de grande alegria com momentos muito bons. E eu estava mesmo me transformando numa pessoa melhor — tratando melhor as pessoas e assumindo responsabilidades. E ainda por cima estava me sentindo verdadeiramente espiritual, como nunca antes. Às vezes eu acordava no meio da madrugada para orar e fazer anotações em meu caderno; depois disso, eu fechava os olhos e, feliz da vida, voltava a dormir. Era maravilhoso!

Mas chegou uma hora em que comecei a simular essas coisas.

“Comecei a simular” parece um jeito meio intempestivo de falar, como se aquilo existisse num dia e desaparecesse no outro. Foi assim que o impostor me envolveu: aquela semana no acampamento de verão havia sido tão diferente de qualquer outra coisa que eu já tinha experimentado, apesar de ter crescido indo à igreja, que fiquei em dúvida se, quando voltasse para casa, encontraria alguém que fosse tão cristão como eu tinha passado a ser. Esse pensamento era sincero, não se tratava de arrogância. Ainda não.

Pedi informações em minha cidade e encontrei uma pessoa que alegava ser cristã como eu. Ele me pareceu ser um bom sujeito, e combinamos estudar a Bíblia juntos. Trouxemos outro cara, mais outro, depois mais dois, de modo que acabamos formando um pequeno grupo. Que coisa boa! Eu nunca havia estudado a Bíblia desse jeito, e aquilo que fazíamos parecia-me real e cheio de vida como nada antes.

Não demorou para que alguns adultos bem-intencionados começassem a me ensinar um esboço de três pontos, para que eu falasse aos outros sobre minha nova fé:

1. Minha vida antes de me encontrar com Cristo.
2. Como me encontrei com Cristo
3. Minha vida depois de me encontrar com Cristo

O que poderia ser mais simples, mais claro, mais honesto e mais direto que isso?

Bom, para mencionar uma coisa, a verdade sobre o terceiro ponto, “Minha vida depois de me encontrar com Cristo”. Seis meses depois, eu certamente teria recebido um “Muito Bem!” no meu boletim espiritual, mas é certo que não teria sido (nem hoje seria) um dez com louvor. Progresso? Sim. Perfeição? Você deve estar brincando!

Foi então que o impostor apareceu de novo. Ele sabia e assinalou com detalhes como minha mudança de vida havia sido incompleta. Uma vez que meus amigos e parentes já sabiam que TODAS AS COISAS HAVIAM MUDADO!, e era tarde demais para voltar atrás, ele sugeriu que talvez eu devesse me alegrar com a realidade dos fatos da minha experiência (só um pouco) para evitar que as pessoas ficassem confusas e decepcionadas.

E foi isso que fiz durante ... não sei exatamente ... uns vinte anos mais ou menos. Durante esse período, fiz parte de equipes de liderança e depois me tornei pastor de jovens “de carteirinha”. Casei-me e tornei-me pai. Eu era preletor em retiros e criava

recursos para gente que trabalhava com jovens. E tenho orgulho de dizer que, com a competente ajuda do impostor, as coisas foram bem na maior parte do tempo. O impostor me recomendou que informasse a você que, ao contrário de Brennan, que admite ser alcoólico, sóbrio pela graça de Deus, eu nunca fiquei bêbado, nunca fumei, nunca me deitei com outra mulher que não fosse minha esposa, nunca coleí numa prova, nunca furtei nada em lojas. Como você pode ver, minha ficha é bem limpa, certo?

Opa ... não é bem assim! Todas essas declarações correspondem aos fatos, mas elas não são de todo verdadeiras, pois

Ele sugeriu que talvez eu devesse me alegrar com a realidade dos fatos da minha experiência (só um pouco) para evitar que as pessoas ficassem confusas e decepcionadas.

nenhuma daquelas coisas jamais representou uma tentação que eu tivesse de enfrentar. Nunca me embedei nem fumei, mas tenho estado perigosamente acima do peso, pois sou sempre tentado a comer sem moderação quando estou sofrendo, ou bravo, ou triste — ou, para esse fim, alegre. A comida é minha droga preferida (legal, barata e ao meu alcance!). Nunca me deitei com outra mulher que não fosse minha esposa,

mas ainda me sinto forte e sexualmente compulsivo, e todos os dias sou tentado a cair vítima desse comportamento. Nunca coleí numa prova, mas exagero e sempre sou tentado a mentir, para que as pessoas pensem bem de mim (e sei como se faz isso, pois já fiz muitas vezes). Nunca roubei em lojas, mas tenho usado meus cartões de crédito para gastar milhares de dólares com coisas que jamais vou usar, pois o que eu realmente estava comprando era a emoção de comprar coisas que amenizassem algum sofrimento ou ausência que eu sentisse no momento (em vez de entregar esse sofrimento a Jesus). E ainda sou tentado a agir assim praticamente todos os dias. Não acho que mereça algum crédito por aquilo que deixei de fazer, porque, mais

cedo ou mais tarde, acabo fazendo tudo o que sou seriamente tentado a fazer.

Neste exato momento, o impostor está muito insatisfeito comigo. Ele não gosta quando eu falo desse jeito. Ele ainda tem medo da verdade, medo de que você coloque este livro de lado e peça seu dinheiro de volta, pois, afinal de contas, por que alguém iria querer ler alguma coisa escrita por um alcoólico sóbrio e por um farsante que ainda nem se recuperou direito?

Brennan e eu resolvemos dizer ao impostor que ele vá cuidar da própria vida, enquanto explicamos direito algumas coisas. Estamos cansados de ser hipócritas e farsantes e, por isso, acima de tudo, queremos viver de acordo com o que realmente somos — filhos de Aba.



Para simplificar as coisas, neste livro o pronome “eu” sempre se refere a Brennan, a não ser que o avisemos de que o “eu” se refere a Jim. O pronome “nós” refere-se a nós e a todos os nossos colegas hipócritas e farsantes — nós sabemos quem somos...

Esperamos que tudo isso lhe seja útil da mesma forma que tem sido para nós. E, por favor, mande-nos sua opinião.

JIM HANCOCK



CAPÍTULO UM

SAIA, SAIA, DE ONDE QUER QUE VOCÊ ESTEJA

É noite. Ruller está acordado, ouvindo seus pais conversarem no quarto ao lado.

O pai diz: — O Ruller é meio esquisito. Por que ele está sempre brincando sozinho?

— Como eu posso saber? — responde a mãe do meio da escuridão.

Ruller é uma criação de Flannery O'Connor; é um garoto de uma cidadezinha e está desabrochando para o mundo.

É dia. No meio da mata, Ruller corre atrás de um peru selvagem que está ferido. *Ah, se eu conseguisse pegá-lo*, é o que ele pensa e, caramba, ele *vai* pegá-lo, mesmo que tenha de correr para fora do estado. Ruller imagina-se entrando triunfante pela porta da frente, com a ave sobre o ombro, e toda a família exclamando admirada:

— Olha, o Ruller está trazendo um peru! Ruller, onde foi que você conseguiu esse peru?

— Ah, eu peguei no meio do mato. Se quiserem, qualquer dia pego outro para vocês.

Mas pegar aquela ave ferida é muito mais difícil do que ele pensava. Então lhe ocorre outra idéia: “Acho que Deus vai me fazer correr à toa atrás desse maldito peru a tarde inteira”. Ele sabe que não devia pensar isso de Deus — mas é assim que ele está se sentindo. E quem pode culpá-lo por estar se sentindo desse jeito?

Ruller tropeça, cai e fica ali no meio da sujeira, pensando se ele é mesmo esquisito.

Mas, de repente, a caçada chega ao fim. O peru cai morto por causa do tiro que havia levado. Ruller coloca a ave sobre o ombro e começa sua marcha triunfal para casa, que fica bem no centro da cidade. Então se lembra do que pensou a respeito de Deus antes de capturar a ave. Eram pensamentos bem ruins, ele confessa. É provável que Deus esteja chamando sua atenção, detendo-o antes que fosse tarde demais. E então exclama: “Obrigado, Deus! O senhor foi extremamente generoso”.

Ele pensa que aquele peru pode ter sido um sinal. Pode ser que Deus queira que ele se torne um pregador. Ruller quer fazer alguma coisa para Deus. Se naquele dia encontrasse um pobre na rua, iria dar-lhe sua moeda de dez centavos. É a única que ele tem, mas Ruller pensa que, por causa de Deus, ele a daria ao pobre.

Andando agora pelo meio da cidade, as pessoas ficam admiradas com o tamanho da ave que ele carrega. Homens e mulheres ficam olhando para ele. Um grupo de crianças da roça o acompanham. Então certo homem pergunta:

- Quanto você acha que ele pesa?
- Pelo menos uns cinco quilos.
- Quanto tempo você correu atrás dele?
- Mais ou menos uma hora.
- Que coisa impressionante!

Mas Ruller não está com tempo para conversa fiada. Ele mal pode esperar para ouvir o que seu pessoal vai dizer quando ele chegar em casa com aquela caça.

E torce para encontrar alguém mendigando. Com certeza ele lhe daria sua moeda. “Senhor, mande um mendigo. Mande um antes que eu chegue em casa.” E ele sabe que Deus vai lhe enviar um mendigo, pois é uma criança incomum.

“Por favor, um mendigo agora mesmo”, é a oração de Ruller. No exato momento em que ele diz isso, uma mendiga velhinha

anda em sua direção. O coração de Ruller quase salta pela boca. Ele avança na direção da mulher, gritando: “Aqui, aqui!”. Coloca a moeda na mão dela e continua a andar sem olhar para trás.

Aos poucos seu coração desacelera e ele sente algo inusitado — como se estivesse feliz e sem graça ao mesmo tempo. Ruller está andando sobre as nuvens — ele e a ave que Deus lhe enviou.

Nesse momento ele percebe a presença das crianças que o seguiam. Todo generoso, vira-se e pergunta:

— Vocês querem ver o peru que eu cacei?

As crianças ficam olhando para ele.

— Eu o persegui até ele morrer. Olhem só a marca do tiro debaixo da asa.

— Deixe eu dar uma olhada — diz um dos meninos. Então, num gesto inesperado, o menino pega a ave, coloca-a sobre o próprio ombro e, girando o corpo, atinge o rosto de Ruller enquanto sai. E fica tudo por isso mesmo. Os meninos saem andando e levam o peru que Deus lhe havia mandado.

Antes que Ruller conseguisse se mexer, os garotos já estavam a um quarteirão de distância. Desaparecem na escuridão, e Ruller começa a se arrastar para casa, mas logo dispara numa corrida. E Flannery O’Connor termina a impressionante história de Ruller com as seguintes palavras: “Ele corria cada vez mais e, ao chegar à estrada que dava para sua casa, estava com o coração tão acelerado quanto as pernas e com a certeza de que havia Algo Terrível atrás de si, com os braços rígidos e as mãos prontos para agarrá-lo”.¹

Algo Terrível.

MEDO

“O que vem à nossa mente quando pensamos em Deus é o que existe de mais importante a nosso respeito.”² Foi assim que

¹ *The Collected Works of Flannery O’Connor*, p. 42-54.

² A. W. TOZER, *The Knowledge of the Holy*, p. 9.

A. W. Tozer se expressou ao falar como as pessoas projetam no mundo a opinião que têm de Deus. Ele pergunta aos que crêem em Deus — e a maioria de nós crê — quem é o Deus em que cremos? Boa pergunta.

Muita gente pensa o mesmo que Ruller sobre Deus. O Deus em quem cremos é Alguém que nos dá um peru com uma mão e o tira com a outra. Quando ele dá, vemos nisso um sinal de que Deus se importa conosco. Quando conseguimos o que queremos, a sensação é de que estamos perto de Deus, o que também faz com que nos sintamos generosos. Assim, todo mundo fica

*Quando perdemos
o peru, passamos
a pensar que Deus
é imprevisível,
mal-humorado,
mesquinho e injusto.*

satisfeito, certo?

Mas a história é diferente quando perdemos o peru — um claro sinal de rejeição. Procuramos entender o motivo. *Onde foi que eu errei? Por que Deus está bravo comigo? Deus está tentando me ensinar alguma coisa?*

A maioria de nós jamais fala algo assim em voz alta nem se arrisca a pensar

muito nisso, mas quando perdemos o peru, passamos a pensar que Deus é imprevisível, mal-humorado, mesquinho e injusto. São pensamentos que nos afastam dele e nos fazem mergulhar em nós mesmos. Deus se transforma num contador que contabiliza cada passo em falso, cada erro, cada burrada, e debita tudo contra nós. Deus é alguém rancoroso que nos arranca das mãos família, amigos, saúde, dinheiro, satisfação, sucesso e alegria.

Mas daí pensamos: “quem pode jogar a culpa em Deus? É sério. É só olhar para mim — olhe para mim! Minha vida é uma bagunça. P’ra início de conversa, eu jamais teria conseguido caçar o peru. Se ele não tivesse caído morto na minha frente, eu não conseguiria”.

Então projetamos em Deus os piores sentimentos e idéias que temos sobre nós mesmos. Como alguém já observou, “Deus nos fez à sua imagem, e nós prontamente lhe retribuimos a gen-

tileza”. Se sentimos que nos odiamos, a conclusão lógica é que Deus nos odeia. Certo?

Não, não é bem assim.

Não é bom pressupor que Deus sente em relação a nós o mesmo que sentimos — a não ser que nos amemos intensa e livremente com sabedoria plena e compaixão infinita. Se a história do cristianismo é verídica, o Deus que revela seu amor por nós em todos os lugares, em todas as coisas, expressa esse amor de forma plena e definitiva naquilo que Jesus fez em nosso favor. A transação está completa. Nada a acrescentar. Nada a retirar. Alguma pergunta?

Bom, para dizer a verdade, temos algumas perguntas. É fácil fazer essas afirmações a respeito de Deus, principalmente quando se trata de fazê-las para os outros, mas não é tão simples acreditar nelas. Juliana de Norwich foi de uma precisão cirúrgica quando escreveu: “Algumas pessoas crêem que Deus é todo-poderoso e capaz de tudo, que ele tem uma sabedoria absoluta e poder para fazer todas as coisas, mas que ele tem um amor absoluto e realmente fará todas as coisas é outra história. Na minha opinião, essa ignorância é o maior de todos os obstáculos para quem ama a Deus”.³ Aonde pensamos que estamos indo quando nos afastamos de Deus?

Os pequenos deuses que adoramos quando nos afastamos do verdadeiro Deus são ídolos que criamos para se parecerem conosco. Sem uma profunda conversão, não é possível aceitar que Deus é incansável em sua ternura e compaixão para conosco do jeito que somos — e não apesar de nossos pecados e faltas, mas neles e por meio deles. Como diz Anne Lamott, “o segredo é que Deus nos ama *exatamente* como somos, e ama tanto que não irá nos deixar nesse estado; e estou tentando confiar nisso”.⁴ Há duas coisas que ela deixa claras nessa declaração: Deus não vai deixar de trabalhar

³ *The Revelations of Divine Love*, cap. 73.

⁴ *Operating Instructions*, p. 96.

em nós, até que sua obra esteja pronta E Deus não retém seu amor porque o mal está em nós. Nem agora, nem nunca.

Certa noite, um amigo meu perguntou ao filho deficiente:

— Daniel, quando você vê Jesus olhando para você, o que é que você enxerga nos olhos dele?

Depois de um longo silêncio, o menino respondeu:

— Os olhos dele estão cheios de lágrimas, papai.

Hesitando nas palavras, seu pai lhe perguntou:

— Por quê, Daniel?

Outro momento de silêncio, mais longo ainda.

— E por que ele está triste?

Daniel olhou para o chão. Ao levantar a cabeça, seus olhos estavam rasos d'água.

— Porque eu estou com medo.

*Entristecemos
o coração de Deus
quando, ao tropeçar,
corremos dele
e não para ele.*

Puxa! Não era para ser assim. Deus jamais quis que tivéssemos medo. João escreve: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no

amor”.⁵ Entristecemos o coração de Deus quando temos medo dele, medo da vida, medo do outro, medo de nós mesmos.

Assim, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para olhar apenas para o nosso umbigo, para sermos auto-suficientes, para que nossa satisfação não dependa dos outros. É como o ditado que diz: “Melhor estrada velha que vereda nova”.

Entristecemos o coração de Deus quando, ao tropeçar, corremos dele e não para ele.

ÓDIO

Para um alcoólico, um “descuido” é uma experiência aterradora. A obsessão física e mental pela bebida chega como uma

⁵ 1João 4:18.

rápida inundação num local que todos pensavam ser seco e inatingível. Quando a pessoa que bebeu volta à sobriedade, ela se sente arrasada.

Isso não é apenas teoria. Eu sou alcoólico. Minha vida foi arruinada pelo álcool e restaurada pelo amor incondicional de Jesus. Quando tive uma recaída, restaram-me duas opções (e somente duas): dobrar-me outra vez diante da culpa, do medo, da depressão e talvez diante da morte provocada pela bebida, ou correr de volta para os braços do meu Pai celestial.

A verdade é a seguinte: não é nenhum bicho de sete cabeças sentir-se amado por Deus quando nossa vida está em equilíbrio e contamos com nossos sistemas de apoio. Quando nos sentimos fortes, a auto-aceitação acontece com mais facilidade.

Mas, e quando perdemos o controle das coisas? E quando erramos ou deixamos de fazer o que é certo, quando nossos sonhos se despedaçam, quando as pessoas que amamos não confiam em nós, quando decepcionamos a nós mesmos? E quando não somos melhores que as pessoas que sempre menosprezamos? Como ficamos?

Pergunte a alguém que tenha acabado de passar por um rompimento, seja a perda de um amigo, seja o divórcio dos pais. Ele já se reequilibrou? Sente-se seguro? Digno? Sente-se como um filho amado de Aba ou deixou de sentir o amor de Deus quando perdeu o controle da situação? Essa pessoa experimenta o amor de Deus quando tudo parece estar detonado ou somente quando as coisas vão *bem* — somente quando *ela vai bem*?

Deus não fica chocado quando caímos. Não mais do que uma mãe que vê seu filhinho tropeçar, cair e se meter em situações das quais não consegue sair. Juliana de Norwich escreveu: “O Senhor não quer que seus servos entrem em desespero”, por mais freqüentes e duras que sejam as nossas quedas, porque “o fato de cairmos não se transforma em obstáculo ao seu amor”.⁶

⁶ Op. cit., cap. 39.

Acreditar nisso não é tarefa fácil. Pessoas como nós são muito desconfiadas desse tipo de coisa. Achamos que deve haver alguma armadilha. E se não é fácil aceitar algo assim com a nossa mente, muito mais complicado é aceitá-lo do fundo do coração. Somos tão tímidos (ou seria orgulhosos?), que dificilmente conseguimos pedir a misericórdia que tanto necessitamos. Não porque odiemos a Deus ou porque ele nos odeie, mas porque odiamos a nós mesmos.

SEGURANÇA

Se você tiver de aprender uma só verdade, aprenda esta: a vida espiritual começa com nossa aceitação do amor pleno e sincero de Deus pelo nosso eu ferido, quebrantado, hostil e triste. Não há outro ponto de partida.

Deus nos chama a todos para fora do esconderijo. Ele nos chama de onde quer que tenhamos ido para encontrar vida, chama-nos de volta para casa. Deus é o pai que ama loucamente, que fica esperando na janela até que o filho que se perdeu recupere o juízo e pense no caminho de volta, o pai que agora corre para se encontrar com seu garoto e abraçá-lo, carregando-o pelos últimos metros da caminhada, de modo que possam recomeçar a vida do zero, como se nada de mau houvesse acontecido, como se a festa que ele pretende dar naquela noite fosse para comemorar o nascimento do filho.

Sempre foi assim. Adão e Eva ficaram envergonhados quando desobedeceram a Deus e, por isso, esconderam-se. E de um jeito ou de outro, desde então eles têm sido modelos para nós. Por quê? Porque detestamos que os outros vejam o que realmente somos, e isso tem pouca relação com a dimensão da maldade que poderíamos atingir e tudo a ver com o fato de não sermos o que poderíamos e deveríamos ser — o que aspiramos e talvez até finjamos ser.

Conhecemos a verdade sobre nós mesmos — ou pelo menos a maior parte dela — e essa verdade não é muito bonita, não.

Nosso jeito de lidar com o que há de feio em nós passa principalmente pelo caminho da desconversa: Ei, dá uma olhada como *aquele* cara é feio! Olha o monte de coisas que eu *não* faço! Procuramos solucionar as coisas por meio de uma farsa, pondo-nos debaixo de uma capa quando nos vemos numa situação de pressão — escondemo-nos. Isso nunca foi solução.

Simon Tugwell escreveu:

Escondemos atrás de alguma aparência que julgamos mais agradável tudo o que sabemos e sentimos acerca de nós mesmos (coisas que achamos que os outros nunca haverão de aceitar nem de amar). Escondemo-nos atrás de um rosto bonito que arranjamos para o bem do nosso público. Com o tempo podemos até nos esquecer de que estamos nos escondendo e vir a pensar que realmente somos aquele rosto bonito que arranjamos.⁷

Agora, surpresa! Quer alguém já tenha se incomodado em nos dizer essas coisas, quer gostemos delas, quer não, Deus ama a pessoa que realmente somos. Assim como chamou todos os outros desde Adão e Eva, Deus nos chama para sairmos do nosso esconderijo do jeito que estamos. Não há tratamento de beleza que possa nos tornar mais apresentáveis a Deus — ele nos aceita no estado em que nos encontramos e diz: “Tenho andado à sua procura! Tenho o lugar perfeito para você!”.

Se o que Deus diz a nosso respeito é a expressão máxima da verdade, então é lógico que devemos segui-lo e aceitar nosso presente estado como ponto de partida. Thomas Merton disse: “A razão por que nunca chegamos a um relacionamento dos mais profundos com Deus é que raramente reconhecemos que não somos nada diante dele”.⁸ Se confessarmos a verdade a nosso respeito, teremos todos os motivos para ter medo de

⁷ *The Beatitudes: Soundings in Christian Tradition*, p. 130.

⁸ *The Hidden Ground of Love: Letters*, p. 38.

que Deus venha a dizer “sim, é isso mesmo, e tem mais uma coisa...”, e não temos dúvida de que sempre haverá mais alguma coisa. Somos como as pessoas que temem dizer ao médico onde dói, pois têm medo de que a doença seja mais grave do que imaginam.

E *estamos* mais doentes do que imaginamos. Estamos morrendo e, por mais maluco que isso possa parecer, fugimos do médico porque temos vergonha e nos odiamos por o tudo o que somos e por tudo o que não somos.

O Deus que nos chamou à existência é o Deus que nos diz agora: “Pare de odiar a si mesmo e venha para o meu amor.

*De uma vez
por todas, relaxe:
onde quer que seja,
comigo você está
em segurança.*

Venha para mim *agora mesmo*”. Ele diz: “Esqueça de si mesmo. Aceite quem eu anseio ser em seu favor, quem eu sou por você — seu Resgatador — meu amor não tem fim, minha paciência é eterna, meu perdão é irresistível. Pare de projetar sobre mim seus sentimentos doentios. Você é uma flor cujo caule se

quebrou — eu não a esmagarei — uma vela de luz bruxuleante — eu não a apagarei. De uma vez por todas, relaxe: *onde quer que seja, comigo você está em segurança*”.

REJEIÇÃO

Uma das maiores contradições entre os cristãos está na antipatia que temos por nós mesmos. A implicância e a falta de tolerância que temos com nossas fraquezas são muito maiores do que as que temos com outras pessoas. David Seamands enxerga assim essa questão:

A maior arma psicológica de Satanás é um sentimento visceral de inferioridade, incompetência e baixa auto-estima. Tal sentimento escraviza muitos cristãos, apesar de muitas experiências espirituais e do conhecimento da Palavra de Deus.

Embora compreendam que desfrutam da condição de filhos de Deus, eles se acham imobilizados, presos por um terrível sentimento de inferioridade e acorrentados a um profundo senso de indignidade.⁹

Conta-se uma história interessante de um homem que sofria de depressão crônica e foi buscar ajuda do psicólogo Carl Jung. O psicólogo lhe disse que reduzisse sua jornada de trabalho de catorze horas para oito, fosse diretamente para casa e passasse as noites sozinho e em silêncio. Então ele começou a passar todas as noites trancado em casa, lendo Thomas Mann e Herman Hesse e tocando Mozart e Chopin em seu piano.

Poucas semanas depois, o homem procurou novamente Jung, contou o que vinha fazendo e queixou-se de que não havia sentido melhora alguma. Jung respondeu:

— Mas você não me entendeu. Eu não disse que você devia ficar na companhia de Hesse, Mann, Chopin ou Mozart. Eu mandei que você ficasse completamente sozinho.

Com o olhar aterrorizado, o homem respondeu:

— Mas não poderia haver uma companhia pior que essa.

Então, Jung devolveu:

— Mas é a essa pessoa que você submete os outros catorze horas por dia.¹⁰

Odiar a si mesmo é uma atitude que se põe como uma nuvem entre os cristãos e o Pai das luzes. Ficamos apavorados com a possibilidade de estar sozinhos em silêncio. Ficamos tão paralisados pela auto-rejeição, que neutralizamos a ação do Espírito

*Ficamos tão
paralisados pela
auto-rejeição,
que neutralizamos
a ação do
Espírito de Deus
em nós.*

⁹ *Healing for Damaged Emotions*, p. 49.

¹⁰ Morton KELSEY, *Encounters with God*.

de Deus em nós, obstruindo o alimento que deveria nos fazer crescer, florescer e produzir fruto.

Ouvimos a voz de adultos autoritários, membros de igreja moralistas, parceiros cruéis, amigos desleais. Até aquele que olha para nós quando olhamos para o espelho reflete nada mais que julgamento e desculpas esfarrapadas:

“Você nunca vai ser ninguém.”

“Você nunca vai crescer.”

“Você é igualzinho ao seu pai.”

“Como é que você pode ser assim?”

“Nem invente de abrir seu próprio negócio.”

Não é de admirar que tanta gente queira se dopar. O álcool e outros depressores dão conta do recado, assim como também a obrigação auto-imposta de superar as expectativas dos outros e todas as formas de agradar as pessoas ao nosso redor. O mesmo efeito pode ser obtido pela ingestão de alimentos ricos em calorias e de lanches rápidos, que elevam o nível de açúcar no sangue, e pelos estimulantes, que disparam o coração e tornam a pessoa ultra-sensível aos estímulos visuais e auditivos, ao toque e ao paladar. O sexo casual também pode servir para nos dopar. E o mesmo efeito pode ser alcançado pela auto-agressão e por todo tipo de sofrimento que infligimos a nós mesmos, se a dor que sentimos for piorando com o tempo.

Henri Nouwen escreveu:

Percebi que a grande armadilha na nossa vida não é o sucesso, nem a popularidade, nem o poder, mas a auto-rejeição. É fato que o sucesso, a popularidade e o poder podem ser uma grande tentação, mas o poder de sedução que eles têm sobre nós está intimamente relacionado com o papel que desempenham na tentação da auto-rejeição, esta sim muito maior. Quando passamos a acreditar nas vozes que nos dizem que somos indignos e não merecemos ser amados, o sucesso, a popularidade e o poder apresentam-se facilmente como soluções que nos

atraem. A grande armadilha, no entanto, é a auto-rejeição [...] Ela é o pior inimigo da vida espiritual, pois contradiz a voz sagrada que nos chama de Amados. Seremos Amados constitui a grande verdade acerca de nossa existência.¹¹

Aprendemos a ser flexíveis com nós mesmos quando experimentamos a compaixão íntima e afetuosa de Jesus. Quando ele tem liberdade em nosso coração, propicia-nos luz e calor e, pouco a pouco, renovação, até que a fortaleza das trevas se transforme num palácio.

SOLITUDE

No verão de 1992, passei vinte dias num chalé nas Montanhas Rochosas no estado do Colorado. Esse retiro aliava aconselhamento, silêncio e, com exceção da presença do meu conselheiro, isolamento total. Foi um passo gigantesco que dei em minha caminhada interior. Todos os dias, logo cedo, eu me reunia com um psicólogo, e ele me ajudava a recuperar lembranças e sentimentos reprimidos da minha infância. No restante do dia, eu ficava sozinho no chalé, sem televisão, sem música, sem leitura.

Com o passar dos dias, percebi que eu havia perdido a capacidade de realmente *sentir* alguma coisa desde os oito anos de idade, quando uma experiência traumática bloqueou minha memória pelos nove anos seguintes e meus sentimentos durante cinco décadas.

Quando eu tinha oito anos, o impostor — meu falso eu — nasceu como uma defesa contra o sofrimento. Ele sussurrava dentro de mim: “Brennan, nunca mais seja você mesmo, porque ninguém gosta de você desse jeito. Invente um novo Brennan que todos possam admirar, mas que ninguém possa conhecer de verdade”. Eu segui esse conselho. Tornei-me um bom garoto — educado, de boas maneiras, modesto e amigável. Estudei muito,

¹¹ *Life of the Beloved*, p. 21

tirei notas altas, ganhei uma bolsa de estudos na faculdade, mas a cada minuto eu era assaltado pelo medo do abandono e pela sensação de que não podia contar com ninguém.

Tudo isso funcionou grande parte do tempo. Aprendi que um desempenho perfeito me garantia o reconhecimento e a aprovação que eu buscava. Mas é difícil manter a aparência de perfeição, e isso me dava mais medo ainda. Então, para manter afastados o medo e a vergonha, migrei para uma órbita em que eu não tinha sentimentos.

O impostor me fez o favor de se responsabilizar por todos os meus compromissos públicos, tarefa que cumpriu com leveza e encanto. Ele me manteve ativo nas horas em que eu teria desistido. Conduziu-me durante duas décadas em minha função de sacerdote e com grande competência conservou separados minha mente e coração. Uma cena do filme *Lembranças de Hollywood* é muito eloqüente nesse aspecto. Uma estrela do cinema conversa com seu diretor, que a faz pensar na vida maravilhosa que ela teve e em como qualquer outra mulher invejaria sua condição. Ela então responde: “É, eu sei, mas quer saber de uma coisa? Não consigo sentir a minha vida. Nunca fui capaz de sentir a vida e todas as coisas boas que ela me deu”.¹² Posso entendê-la. Durante dezoito anos proclamei as boas novas do amor ardente e incondicional de Deus — convencido dessa verdade no intelecto, mas sem nunca ter sentido o amor de Deus no coração. Meu terapeuta fez a seguinte observação: “Durante todos esses anos havia uma porta de aço que escondia suas emoções e negava-lhe acesso a elas”.

No décimo dia do meu retiro nas montanhas, peguei-me chorando e soluçando. À medida que minha dor era posta para fora, aconteceu algo extraordinário. Ouvi o som de música e dança a certa distância de onde eu me encontrava. Eu era o filho pródigo que, aos trancos e barrancos, voltava para

¹² Columbia Pictures, 1990.

casa — não para ser um espectador, mas para participar do amor de Aba. O impostor começou a se dissipar, e eu entrei em contato com meu verdadeiro eu, o filho de Deus que voltava. Minha necessidade de elogios e afirmação começava a decrescer.

Conforme Mary Michael O’Shaughnessy gosta de afirmar: “Muitas vezes, os colapsos nos levam às soluções”. Acabei entendendo que meu desligamento emocional se fortaleceu porque, na infância, recusei-me a chorar a falta de uma palavra de carinho e de um abraço afetuoso. “É uma bênção sentir que você perdeu o que mais valorizava. Só assim você pode ser acolhido por Aquele que mais você valoriza.”¹³

Eu costumava nunca me sentir satisfeito comigo mesmo se meu desempenho não fosse irretocável. Meu desejo de ser perfeito era maior que meu desejo de Deus. Intimidado pelo meu próprio padrão baseado no oito ou oitenta, eu via as fraquezas como expressões de mediocridade e as incoerências

*Meu desejo
de ser perfeito
era maior
que meu desejo
de Deus.*

como perda de controle. Eu achava que compaixão e aceitação de si mesmo eram auto-indulgência. E acabei chegando a um estado de esgotamento. Minha sensação de fracasso e incompetência acabaram com minha auto-estima, disparando episódios de depressão leve e ansiedade profunda.

Mesmo sem querer, projetei sobre Deus os sentimentos que eu tinha a meu respeito. Sentia-me bem com ele somente quando conseguia me enxergar como alguém distinto, generoso, afetuoso, isento de cicatrizes, medos e lágrimas — uma pessoa *perfeita!*

Com o passar do tempo estava se tornando cada vez mais difícil mostrar minha verdadeira face. Mas naquela manhã reluzente, num chalé no meio das Rochosas, saí do esconderijo.

¹³ Mateus 5:4.

Jesus retirou de sobre mim a capa de perfeccionismo e, sentindo-me perdoado, livre e seguro, corri para a casa de Aba. Até que enfim tive a certeza de que podia contar com Alguém. Profundamente fascinado, com lágrimas escorrendo pelas faces, abracei e finalmente *senti* todas as palavras que eu já havia escrito e falado a respeito do Amor determinado e incondicional de Deus. Entendi naquela manhã que as palavras não passam de fumaça quando comparadas com a Realidade. Passei de uma condição em que eu ensinava sobre o amor de Deus para outra em que eu acreditava de verdade ser o prazer de Aba.

O que significa sentir-se seguro? Naquela mesma tarde escrevi em meu diário:

Sentir-me seguro é deixar de viver na esfera do intelecto e mergulhar no coração, sentindo-me amado e aceito [...] não tendo mais que me esconder nem me distrair com livros, televisão, cinema, sorvete, conversa fiada [...] ficar no momento presente e não escapar para o passado nem projetar-me para o futuro, alerta e atento ao agora [...] sentindo-me tranqüilo e não nervoso e agitado [...] sem precisar impressionar ou fascinar os outros nem chamar a atenção para mim [...] Confiante, um novo jeito de estar comigo mesmo, um novo jeito de estar no mundo [...] calmo, destemido, sem andar ansioso com o que vai acontecer em seguida [...] amado e valorizado [...] simplesmente firme e sereno.

O RISCO

O risco é este, pelo menos para mim: ao escrever agora sobre aquela experiência, corro o risco de criar um novo impostor com um disfarce ainda mais sutil. Ele me fala baixinho: “Oi, olhe como você se transformou numa pessoa humilde. Isso não é uma bênção? Olhe só como Deus fez de você um exemplo da sua graça. Agora que você chegou a um estágio assim, há tanta coisa que você pode oferecer! Não estrague tudo;

não permita que as pessoas se aproximem demais e venham a desconfiar de que você não é tão humilde o tempo todo”. Ao refletir sobre o tipo de encontro que tive com Deus no retiro nas montanhas, lembrei-me das palavras solenes de Teresa de Ávila: “Experiências como essas são concedidas aos irmãos e irmãs mais fracos para fortalecer-lhes a fé vacilante”. Posso tomar nas mãos o crédito que dou à “graça de Deus” e com uma rapidez alucinante transformá-lo num discurso para me autopromover.

Thomas Merton disse certa vez a um colega monge: “Se eu fizer alguma coisa com base no fato de que sou Thomas Merton, estarei acabado. E se você fizer alguma coisa com base no fato de que é o encarregado de cuidar do chiqueiro, você estará acabado”. E que solução Thomas Merton dá para essa situação? “Pare totalmente de contabilizar seus acertos e entregue-se com toda a sua pecaminosidade ao Deus que não olha nem para os acertos nem para quem os contabiliza, mas apenas para seu filho redimido por Cristo”.¹⁴

Pare de contabilizar acertos. Essa tarefa será difícil enquanto alimentarmos a esperança de que, apesar de todas as coisas, de alguma forma acabaremos sendo os vencedores (e nossos inimigos, é claro, serão os perdedores).

Lamento informá-lo, mas não é assim que essas coisas funcionam.

Elas funcionam deste jeito: todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, e Agostinho de Hipona acrescenta, “até mesmo nossos pecados”. Mas não apenas nossos pecados. O Deus que perdoa e esquece o que fazemos de mau também transforma nossa fraqueza em força:

Eu me alegro também com as fraquezas, os insultos, os sofrimentos, as perseguições e as dificuldades pelos quais passo por

¹⁴ James FINLEY, *Merton's Palace of Nowhere*, p. 53.

causa de Cristo. Porque, quando perco toda a minha força, então tenho a força de Cristo em mim.¹⁵

A peça de Thornton Wilder *The Angel that Troubled the Waters* [O anjo que agitava as águas] se passa no tanque de Betesda, local do encontro entre Jesus e um homem que não conseguia andar, conforme narrado em João 5:1-4. As pessoas iam a esse tanque por acreditar que, de vez em quando, um anjo agitava as águas, e a primeira pessoa que entrasse no tanque depois do toque do anjo seria curada. Na peça de Wilder, há um médico que chega ansioso para ser curado de sua depressão. Quando o anjo aparece, ele impede que o médico entre na água. O médico implora ajuda ao anjo, mas este lhe diz que aquele momento não era para ele:

*Sem tuas
feridas,
onde estaria
a tua força?*

Sem tuas feridas, onde estaria a tua força? É a tua melancolia que leva tua voz fraca e trêmula ao coração de homens e mulheres. Até mesmo os anjos não têm condições de convencer os filhos miseráveis que tateiam neste mundo, não tanto quanto um ser humano quebrantado sobre as rodas do viver. Somente soldados feridos podem estar a serviço do Amor. Médico, afasta-te.

Um pouco depois, o homem que havia entrado na água enquanto o médico era impedido aproxima-se e diz:

Por favor, acompanha-me. Minha casa fica somente a uma hora daqui. Meu filho está perdido em meio a pensamentos sombrios. Eu não o compreendo, e somente tu já conseguiste animá-lo. Uma hora apenas [...] E há ainda a minha filha; desde

¹⁵ 2Coríntios 12:10.

que seu bebê morreu, ela fica sentada no meio da escuridão. Ela não nos ouve, mas ouvirá a ti.¹⁶

“Somente soldados feridos podem estar a serviço do Amor.” Fingir que não temos feridas é uma mentira egocêntrica. E não apenas egocêntrica, mas autodestrutiva. Quando sou levado pelo medo e pela vergonha a ocultar minhas feridas, não são apenas as outras pessoas que mantenho na escuridão. Se é assim, por que é tão fácil eu me agarrar com unhas e dentes aos sentimentos ruins e às minhas dores, se o que eu deveria fazer é descartá-los?

Dietrich Bonhoeffer disse certa vez que a culpa é um ídolo, e ele tinha razão, pois algumas pessoas, em se tratando de sentimento de culpa, são insaciáveis, e “qualquer coisa da qual eu sempre precise mais torna-se um deus para mim”.¹⁷

Mas, culpa? Por que alguém haveria de adorar no altar da culpa? Seria porque se trata da culpa da própria pessoa e ninguém pode tirá-la a não ser ela? Ou porque isso dá estrutura à sua vida? Ou seria porque, no final das contas, a culpa tem a ver com a própria pessoa? “Qualquer coisa da qual eu sempre precise mais torna-se um deus para mim .”

Enquanto fingimos ser bons demais para precisar de perdão, ou miseráveis demais para recebê-lo, vivemos num paralelo solitário com as outras pessoas sem nunca as encontrar de verdade. Quando nos aventuramos a viver de modo que o verdadeiro perdão de Deus nos sacie, então, e somente então, nossa vida se entrelaça com a vida de todos os outros agentes de cura que, mesmo feridos, achegam-se cada vez mais a Jesus.

O RELAÇÕES-PÚBLICAS

Os Alcoólicos Anônimos formam uma comunidade de agentes de cura, cada um com suas feridas. O psiquiatra James Knight

¹⁶ *The Angel That Troubled the Waters and Other Plays*, p. 20.

¹⁷ Don FINTO em “Old Friend”, *Real Kids: Survivors: Powerful Profiles on Addiction, Violence, & Loss*.

escreve a esse respeito: “A eficácia dos membros dos AA no tratamento e no cuidado com seus pares alcoólicos é uma das grandes histórias de sucesso da nossa época e ilustra de modo realista o poder das feridas que, se usado com criatividade, pode suavizar a pressão da dor e do sofrimento”.¹⁸

Mas, por que Alcoólicos Anônimos e não as comunidades cristãs? Talvez o motivo seja este: as pessoas que procuram os grupos dos Alcoólicos Anônimos não conseguem mais administrar a própria vida. A grande maioria das outras pessoas jamais admitiria ter perdido a capacidade de administrar a própria vida, e o impostor não permitiria isso. O que o impostor faz tem tudo a ver com administração de risco e, quando necessário, com gerenciamento de danos. O impostor é um manipulador, um relações-públicas, faz tráfico de influência e varre a sujeira para debaixo do tapete — faz o que for necessário para manter a aparência de que não perdemos o controle da situação, de que conseguimos administrar nossa vida e de que não precisamos de um Resgatador.

Mas o impostor sabe que tudo isso não passa de uma mentira. E nós, aglomerados na escuridão, também sabemos.

¹⁸ *Psychiatry and Religion: Overlapping Concerns*. O excelente artigo de Knight, “The Religio-Psychological Dimension of Wounded Healers” é a principal fonte de meus pensamentos aqui. Agradeço a ele e a Lillian Robinson por terem me apresentado o livro.